

# **As mulheres de Shakespeare: Uma releitura do medievo com base na literatura e história**

Emanuella Bezerra de Oliveira Araújo<sup>1</sup>

Jardel Pereira da Trindade

Jessica Pessoa Natane Pessoa de Lima

Carla Nayara de Almeida Vasconcelos

Prof. Dr. João Batista Gonçalves Bueno<sup>2</sup>

## **Introdução**

O professor é quem transforma o saber a ser ensinado em saber aprendida, ação fundamental no processo de produção do conhecimento. Conteúdos, métodos e avaliações constroem-se nesse cotidiano e nas relações entre professores e alunos. (BITTENCOURT, 2004, P. 50).

Neste artigo descrevemos alguns aspectos relativos à nossa experiência de sala de aula, quando desenvolvemos o conteúdo de história medieval utilizando a literatura de Shakespeare como fonte histórica. Estas aulas fizeram parte do Projeto de Iniciação à Docência (PIBID- História) realizado pela Universidade Estadual da Paraíba no campus III – Guarabira- PB, e foi financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Neste projeto buscamos aprimorar a formação de conhecimentos entre os licenciados em História e os professores das escolas da rede pública estadual da Paraíba.

Com um olhar investigativo propusemos uma composição de aulas em forma de sequência didática nos 1º anos do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Soares de Carvalho, na cidade de Guarabira, Paraíba, na qual os alunos poderiam ser coparticipantes do processo de produção de conhecimentos.

De acordo com a historiadora Circe Bittencourt o ensino de História ganha sentido se o professor conseguir construir relações com algum aspecto ou experiência de vida dos alunos, encontrando, assim, algum significado para a aprendizagem do conteúdo que será estudado. Seguindo essa ideia, essa autora acredita que os métodos

---

<sup>1</sup> Estudantes de licenciatura em História pela Universidade Estadual da Paraíba, bolsistas do PIBID programa de iniciação à docência financiado pela Capes.

<sup>2</sup> Professor da UEPB e orientador da área de história do PIBID.

mnemônicos não são suficientes para a fundamentação de uma aprendizagem significativa que proporcione um sentido da realidade vivida para os discentes.

Elaboramos o planejamento das aulas tendo como objetivo vislumbrar uma diferente perspectiva para o ensino de história. Procuramos apresentar aos alunos uma metodologia de ensino ativa, que propunha que os alunos realizassem uma atividade de reflexão e pesquisa. Para, em seguida, analisarem quais seriam os desdobramentos possíveis referente ao estudo do comportamento do gênero feminino na história. Buscamos, dessa forma, encontrar uma metodologia de aula que se contrapunha as formas tradicionais de aula que os professores utilizam quando apresentam o conteúdo relativo à Idade média. Por isso, não partimos, inicialmente, do conteúdo do livro didático. Trabalhamos esta aula na perspectiva do campo da história cultural discutindo as diferentes formas de representações, os signos e significados da literatura de Shakespeare sobre o universo medieval. Utilizamos como referenciais teóricos: C. Bittencourt, Roger Chartier, Walter Benjamin, entre outros autores.

## **2- Justificativa**

Vivemos uma época de imediatismo e da informação tecnológica, inseridos em um processo de globalização, e a escola não está fora desse movimento.

Em pleno século XXI, o maior desafio dos professores do ensino de História, é desprender-se das formas tradicionais de ministrar as aulas, as quais se caracterizam pela leitura do livro didático e pela proposição para que os alunos respondam um questionário. Esta prática de salas de aula mantém-se constantemente na maioria das instituições de ensino. Indo na contramão desses métodos, propusemos trabalhar com os alunos do 1º ano de ensino médio os conteúdos da idade média, através de uma abordagem que valorizasse as questões de gênero na história. Para tanto, utilizamos como fonte documental a literatura e cinema vistos pelas produções literárias shakespearianas, Hamlet e Romeu e Julieta. Partimos, inicialmente do contexto atual que os alunos vivem para então introduzirmos a literatura teatral e cinematográfica como ferramentas didáticas, pois acreditamos que este tipo de linguagem é mais próximo do cotidiano dos alunos e podem proporcionar o desenvolvimento de conhecimentos que relacionam o presente ao passado. Como cita Karnal (2008, p. 28) “quanto mais o aluno sentir a história como algo próximo dele, mais terá vontade de interagir com ela[...]”, sendo assim, é possível que o aluno altere suas concepções do

passado, modificando, conseqüentemente, seu entendimento sobre o seu presente. (W. Benjamin, 2012).

No desenvolvimento das aulas percebemos que era muito importante o processo de interação entre os diferentes sujeitos envolvidos na sala de aula, ou seja, a professora da disciplina, os alunos de licenciatura em História e os alunos da escola básica. Reconhecemos, também que o teatro, por ser na maioria das vezes, uma obra coletiva, proporciona no âmbito escolar, uma troca de conhecimentos, que vai além de experiências individuais de ensino escolar. Schmidt e Garcia (2005) entendem que o uso dessa ferramenta didática tem potencialidade para a recuperação da vivência pessoal e coletiva, tanto da comunidade docente, quanto dos discentes. Através do teatro podemos fazê-los entender que são participantes de uma realidade histórica, sempre com a intenção de converter em conhecimento histórico, e o próprio autoconhecimento[...].

As novas correntes historiográficas devem se fazer presente na abordagem de um determinado contexto histórico. Ao utilizarmos as obras de Shakespeare como fonte histórica propusemos questões relativas às concepções de gênero feminino e cultura, ressaltando as permanências e mudanças que ocorreram nos modos de compreender as relações entre homens e mulheres no tempo. É importante destacar, que trabalhar um dado momento através de análises de um tipo de literatura que descreve um modo de viver de indivíduos que viveram a séculos atrás, não é uma tarefa simples. No caso dos personagens criados por Shakespeare, percebemos como é difícil abordarmos o caráter subjetivo e a visão do autor das histórias. No entanto, partindo do presente do aluno foi possível criarmos relações entre as vidas dos estudantes e suas visões de mundo, proporcionando que os alunos fizessem ligações com os muitos acontecimentos descritos na literatura e com as formas de contar daquele tempo histórico.

Interdisciplinar, como se tornou a História desde os *Annales*, tratar de obras de um dramaturgo no ensino de História é aplicar estas novas bases com propósito de construir conhecimento não só historiográfico, mas perpassar diversas áreas, como as artes por exemplo. Sendo assim, o uso de novas fontes, que tornam o ensino mais lúdico, humorado, e mais absorvido, só tem a acrescentar na construção de uma escola e de um ensino melhor.

## **Revisão da Literatura**

Em aproximadamente 1596, surgia a peça de William Shakespeare denominada Romeu e Julieta, nela destacamos a questão do casamento e como ocorriam as relações amorosas entre os homens e mulheres.

Em um dos trechos da história vemos o pai de Paris dizendo:

“Ela é tudo que eu tenho aqui na terra.

Mas, bom Paris, procure conquistá-la,

Meu voto é parte da vontade dela. (Shakespeare, 1997, p.35).

Nesta fala do personagem, fica claro que o pai ou a figura patriarca, tinha forte influência na vida amorosa dos filhos e filhas, ou seja, revela um estado de submissão parecido com o que ocorre com a personagem Ofélia em Hamlet. Julieta que era a pretendente de Paris, acostumada à tradição da época, seguiria a vontade do pai sem se dar conta do que fazia para ela mesma.

Segundo Miranda (2007), as mulheres das peças shakespearianas, são exemplos do papel tradicional da mulher que vai mudando ao longo do tempo. Papel esse que na Idade Média era muito reforçado, mas que sofreu mudanças durante o passar do tempo. Dentre as mais variadas características, Shakespeare soube retratar o seu tempo histórico demonstrando a forma de viver e a obediência feminina.

Os alunos já tinham ouvido falar em Hamlet, ou até mesmo Romeu e Julieta, obras clássicas do dramaturgo e poeta inglês Shakespeare. Uma das características fundamentais desse autor era retratar em suas peças a vida cotidiana das pessoas de seu tempo e usá-las como inspiração para os seus escritos. Por isso, foi possível, através dessa obra analisarmos como era o comportamento e os valores destinados à figura feminina na vida medieval.

O período da História denominado Idade Média europeia é tradicionalmente reconhecido pelo tempo decorrido entre os séculos V ao XV da era cristã. O medievo foi marcado pelo grande espírito religioso cristão, e marcado pela influência que a igreja católica tinha na vida das pessoas. As mulheres eram vistas como sendo inferiores ao homem, eram consideradas como um ser secundário, e, portanto, deviam obediência e submissão aos homens. Além disso, historiadores como Duby e Perrot (1990), nos explicam que até mesmo o órgão genital do gênero masculino e feminino era motivo de reflexão na época, estes eram utilizados para justificar a superioridade

masculina e uma inferioridade feminina. Segundo esses historiadores o órgão genital feminino era uma inversão do masculino. O órgão genital da mulher era dado como um instrumento retido para o interior, enquanto que o masculino era pronto e acabado voltado para o exterior.

Shakespeare mostra em “Hamlet” e “Romeu e Julieta” exatamente esse tipo de concepção de mulher. Classificado como tragédia, o texto literário conhecido como Hamlet, conta uma história em que o príncipe se decepciona quando sua mãe se casa com o irmão de seu primeiro marido dela que acabara de falecer. Percebemos uma forte alusão ao medievo, a ideia de que a mulher era imperfeita e sujeita a cometer pecados. No mesmo enredo, há a personagem Ofélia, exemplo de obediência, ternura e bondade, características tidas como típicas femininas. Essas ideias também eram defendidas pelo pensamento religioso cristão fortemente vivido até o século XV. Para os indivíduos que viviam na Europa, durante esse tempo, a mulher deveria ser submissa. Ela vivia em meio a uma sociedade patriarca, rodeada de homens da sua família, e obedecia ao que os homens diziam ser correto. Camati (2008) revela que: “Ofélia era obrigada [...] a anular sua identidade, a qual tendo sido construída tomando como referência [...] a vontade dos outros, não teve oportunidade de florescer”.

#### **4 – Objetivos gerais e específicos**

Este trabalho abrangeu as áreas da Literatura e da História. Tivemos como objetivo analisar o papel da mulher na sociedade. Tomamos como base os textos shakespearianos para estabelecermos uma relação entre a sociedade e a representação mimética que foi apresentada nas peças. A partir disso, interpretamos a representação que as mulheres adquiriram nos textos de Shakespeare, demonstrando quais eram os papéis destinados a elas na sociedade. A significação dos textos depende das capacidades, das convenções e das práticas de leitura próprias às comunidades que constituem, na sincronia ou na diacronia, os seus diferentes públicos. (CHARTIER, 2006, p. 35).

#### **4.2 Objetivos específicos**

- Apontamos as diferenças existentes entre a função e o comportamento da mulher na sociedade do século XVI e como elas foram representadas nas peças shakespearianas;
- Relacionamos a representação das “mulheres de Shakespeare” com o papel da mulher contemporânea do século XXI;
- Demonstramos que a ascensão social da mulher e a sua [re]significação, na representação e na linguagem literária não é algo “novo”;
- Conceituamos o percurso histórico de aquisição de direitos sociais pelas mulheres;
- Caracterizamos a função social da mulher através das peças, focando também no contexto brasileiro de mudança e a mobilidade social feminina.

## **5 – Metodologia**

Sabemos que na escola os alunos estudam as disciplinas (assuntos) de uma forma compartimentada, onde cada disciplina acaba ficando distante uma a outra. Porém poucos alunos conseguem fazer uma conexão de uma disciplina com a outra. Segundo Santomé (1990:25) “em geral, poucos estudantes são capazes de vislumbrar algo que permita unir ou integrar os conteúdos ou o trabalho das diferentes disciplinas”. Sendo assim, visões que unam os conhecimentos de diferentes disciplinas é algo distante da realidade dos alunos. Para os estudantes é difícil fazer vários questionamentos sobre diversos assuntos, pois eles, na maioria das vezes, os estudantes não conseguem encontrar relações entre uma disciplina e outra.

Na sala de aula, desenvolvemos as aulas de história da seguinte maneira: partimos questões próximas da vida do aluno: Como eram as relações entre homens e mulheres na atualidade? A partir de então, introduzimos um texto literário e um trecho dos filmes que retratavam as histórias criadas por Shakespeare. Estes documentos produziram reflexões sobre o papel da mulher no tempo. As considerações finais da sequência didática foram realizadas pelos alunos da escola básica, os quais produziram versões da história que comparavam quais eram as diferenças de concepção do comportamento feminino que existiam no século XV e quais são os comportamentos femininos valorizados nos dias de hoje. Segundo Schmidt:

A sala de aula não é apenas onde se transmite informações, mas onde uma relação de interlocutores constrói sentidos. Trata-se de um espetáculo 797 impregnado de tensões em que se torna inseparável o significado da relação teoria e prática, ensino e pesquisa. (SCHMIDT, 1997, p.57)

Percebemos que esse projeto foi desafiador, pois sabemos que os professores e alunos das escolas básicas estão acostumadas a trabalharem de acordo com as divisões disciplinares. Essa forma escolar tradicional é difícil de ser rompida aos olhos de alguns professores, mas compreendemos que ela pode ser realizada e ela gera prazer no aprender história, tanto para os alunos, como para os professores. Entendemos, também, que a educação pode se dar pela prática da liberdade, quando “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam e comunhão mediatizados pelo mundo” (Freire, 2001, p 69). Ou seja, pequenas relações criadas nas aulas de história podemos fazer com que os alunos participem das atividades.

Assim, pudemos através dessa atividade demonstrar que a história está ligada com a literatura e vice e versa, e através dessa proposta podemos visualizar relações interdisciplinares. Acreditamos, neste caso, que é importante fazermos a ligação entre as disciplinas de literatura e de história, pois os alunos puderam ampliar suas visões sobre essas duas áreas de conhecimento. Além disso, esse tipo de atividade didática propiciou o desenvolvimento de um olhar crítico nos alunos, pois eles construíram pontos de ligação entre questões do seu presente com um modo de vida diferente que existiu no passado. Já o papel do professor e sua postura em sala de aula mudou neste tipo de atividade, pois ele passou a ser o mediador que apresentava diferentes documentos históricos e estimulava a reflexão dos alunos.

Como o aluno passou a entender que ele também era o sujeito da história e que ele poderia participar como autor de uma possível versão dela, surgiram questionamentos sobre as formas de aula positivistas e tradicionais que eles eram acostumados nas aulas de História. Além disso, os estudantes puderam deixar de valorizar versões da História que valorizavam apenas os grandes vultos da história. E, também, puderam perceber que não existia apenas uma verdade única do passado e poderiam se relacionar criticamente quando liam documentos históricos.

Assim, indicamos neste artigo, que o ensino de história pode ser trabalhado de forma a criar significados para a vida do aluno na atualidade. Por isso, enquanto

professores de história temos que mostrar para os alunos que o sujeito “comum” do passado fez parte da história das sociedades. Além disso os estudantes podem perceber que eles também são agentes do processo histórico. Se mostrarmos para os alunos que o ensino de história pode ser prazeroso na sala de aula e não imposto, eles vão olhar de outro jeito para a disciplina. Se mostrarmos na a história do passado do presente não são coisas separadas, eles podem fazer uma reflexão relacionando que os modos de viver de hoje como fruto do que se viveu no passado.

Concordamos com Paro (2001:11), quando ele afirma que o ensino de história deve formar cidadãos, onde os alunos possam perceber e possam construir uma sociedade mais justa. Assim, esse autor assevera que:

(...) a educação constitui a mediação pela qual os seres humanos garantem a perpetuação do seu caráter histórico. Isto é, se o homem se faz histórico porque é construtor de sua própria humanidade, e se essa mediação só se dá pela mediação dos conhecimentos, técnicas, valores, instrumentos, tudo enfim o que consubstancia a cultura construída pelos próprios homens, então a educação, ao propiciar a apropriação dessa cultura, é imprescindível para o desenvolvimento histórico”.

O professor pode trazer as histórias de obras literárias para uma discussão em sala de aula, abordar os diferentes fatos históricos que essas obras trazem, além de fazer com que os alunos trabalhem com o imaginário, que a literatura pode propiciar. O trabalho com textos literários pode também tornar o aprendizado de história mais dinâmico, além possibilitar que o aluno desenvolva a capacidade de criação e desenvolva sua escrita textual.

Sabemos que muitas vezes o tempo das aulas é uma questão que dificulta o desenvolvimento desse tipo de aula. Por isso, os professores também podem trabalhar com outros tipos de obra literária, como por exemplo: com contos, crônicas, textos menores etc. Percebemos, através do desenvolvimento dessa atividade que é importante que o professor de história também conheça obras literárias, bem como, saiba fazer uma boa discussão sobre o tema que será estudado e que será trabalhado em sala de aula,

A literatura é, no caso, um discurso privilegiado de acesso ao imaginário das diferentes épocas.[...] Mas o que vemos hoje, nesta nossa contemporaneidade, são historiadores que trabalham com o imaginário e que discutem não só o uso da literatura como acesso privilegiado ao passado — logo, tomando o *não-acontecido* para recuperar o que aconteceu! [...] (PESAVENTO, 2006)

## **Considerações Finais**

Este artigo foi fruto do desenvolvimento de aulas na forma de sequência didática realizado dentro do PIBID, e pretendeu discutir, ainda de forma bastante inicial, o uso de documentos literários para o ensino de história. Para tanto utilizamos da literatura das peças de Willian Shakespeare, demonstramos a presença dos signos medievais nas peças e como na ficção literária é representada a sociedade medieval. Este trabalho didático a partir da obra de Willian Shakespeare partiu do seguinte questionamento idealizado por nós bolsistas do PIBID: como fazer com que o aluno possa construir sentidos que expliquem o porquê ele está naquela escola? Ou então, porque ele precisa estudar história?

Constantemente os professores tem que criar explicações para questionar o saber do senso comum, o qual entende que estudar História é estudar só “coisa do passado”; “coisa de velho”. Marc Bloc, nos conta a seguinte passagem: Uma criança pergunta ao papai para que serve a história? (2001, p. 41). E o pai responde: Para que a História tenha sentido para sua vida. Por isso, concluímos que é possível que o professor se contraponha a ideia de que ele é o detentor de um saber pronto e acabado, contrapondo-se também com as concepções que muitos alunos têm sobre qual é a função do professor de história em sala de aula.

Acreditamos que esses são desafios que nós estudantes de licenciatura temos quando assumirmos nosso trabalho na escola. Por isso, para exercermos nossa profissão que é a de formar cidadãos e cidadãs não podemos mais nos prender os conteúdos estabelecidos apenas nos livros didáticos, ao contrário disso, devemos recriar esses mesmos conceitos, valorizando diferentes metodologias que explorem um significado efetivo para os discentes.

## **Referências**

AZEVEDO, Crislane Barbosa. **Revista Percursos**. A Renovação dos conteúdos e métodos da história ensinada. Florianópolis. Vol 11, 2010.

Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011

BARCA, Isabel. **Educação Histórica: uma nova área de investigação**. *Revista da Faculdade de Letras*. Porto, III Série, vol. 2, pp. 013-021. 2001.

BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito da História. In: \_\_\_\_\_. **O anjo da história**. Trad. e org. de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012, pp, 8-20.

BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

BLOC, Marc. **Apologia da História, ou, O ofício de historiador**. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CAMATI, Anna Stegh. O lugar da mulher na sociedade elisabetana – jamesca e na criação poética de Shakespeare. In: LEÃO, Liana de Camargo; SANTOS, Marlene Soares dos (Org.). **Shakespeare, sua época e sua obra**. Curitiba: Editora Beatrice, 2008.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Dir.). **História das mulheres no Ocidente**. Vol. 2: A Idade Média. Porto: Edições Afrontamento, 1990.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 31ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

CHARTIER, Roger. História e Literatura. In: CHARTIER, Roger. *À beira da falésia; a história entre inquietudes e incertezas*. Porto Alegre: Ed. Universitária: UFRGS, 2002, pp. 255-271.

\_\_\_\_\_. Literatura e História. Topoi, Rio de Janeiro, nº 1, pp. 197-216.

\_\_\_\_\_. A —Noval História Cultural Existe?. In: LOPES, Antonio Herculano. VELLOSO, Monica Pimenta. PESAVENTO, Sandra Jatahy.(Orgs). Rio de Janeiro: 7 Letras. 2006, pp 29-43.

MIRANDA, Célia Arns de. O retrato da tragédia feminina nas recriações da Ofélia shakesperiana. In: AQUINO, Ricardo Bigi de; MALUF, Sheila Diab (Org.). **Olhares sobre textos e encenações**. Maceió: EDUFAL, Salvador: EDUFBA, 2007.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos; GARCIA, Tânia Maria F. Braga. **A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de história**. Cad. CEDES., Campinas, v. 25, n. 67, 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32622005000300003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622005000300003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 31 de julho de 2015

SHAKESPEARE, William. **Romeu e Julieta**. (Trad.) Barbara Heliodora. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

SANTOMÉ, Juro Torres. **Globalização e interdisciplinaridade: O currículo integrado**. 1ª reimpresão. Porto Alegre: Artmed, 1998.

PARO, Vitor Henrique. **Escritos sobre educação**. São Paulo: Xamã, 2001.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, Circe (org.). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1997, pp.55-66.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. *A Construção do Pensamento e da Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins **Fontes**, 2001.

WATANABE, Claudia Akiko Arakawa. Estratégias de ensino e nível de concentração dos alunos: um estudo no ensino de História nas quintas séries do ensino fundamental. IN: *Anais Eletrônicos do IX Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História* 18, 19 e 20 de abril de 2011– Florianópolis/SC. [abeh.org/trabalhos/GT07/tcompletoclaudia.pdf](http://abeh.org/trabalhos/GT07/tcompletoclaudia.pdf) (acesso em 01/04/2013).